



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
LICENCIATURA EM TEATRO

SIDIANE VIEIRA NUNES

**TEATRO E MEMÓRIA: Atos formativos de uma artista pesquisadora em
Mocajuba/PA**

BELEM/PA

2022

SIDIANE VIEIRA NUNES

**TEATRO E MEMÓRIA: Atos formativos de uma artista pesquisadora em
Mocajuba/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de título de Licenciada em Teatro, pelo Instituto de Ciências da Arte (ICA), Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará.

Orientador: José Denis de Oliveira Bezerra.

BELÉM/PA

2022



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e nove dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e dois, às treze horas, reuniu-se em sala virtual no Canal Youtube Perau Pesquisa, conforme previsto na portaria nº 1321/2020, a Banca Examinadora composta pelas professoras: Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra (Orientador e Presidente), Prof. Dr. Edson Fernando da Silva (Examinador Interno) e Profa. Me. Rosilene da Conceição Cordeiro (Examinadora Externa), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna SIDIANE VIEIRA NUNES, intitulado: "TEATRO E MEMÓRIA: ATOS FORMATIVOS DE UMA ARTISTA PESQUISADORA EM MOCAJUBA/PA". Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado: o trabalho foi APROVADO com conceito BOM. As observações feitas pelos avaliadores estão na Folha de Modificações. E após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, será assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 29 de agosto de 2022.

Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra
Orientador e Presidente da Banca

Prof. Dr. Edson Fenando da Silva
Examinador interno

Profa. Me. Rosilene da Conceição Cordeiro
Examinadora Externa

AGRADECIMENTOS

Sempre tentei caminhar sozinha, mas sozinha não consegui caminhar.

E mesmo que eu quisesse, Sineide Nunes não me deixaria, não é mesmo minha irmã?

Meu pai, Sedimar Nunes, se botou a trabalhar para eu estudar.

Minha mãe, Rozina Vieira, me cuidou até de longe em infinitas orações, e você minha mãe tem minha eterna gratidão.

Siliana, Silas e Márcio, irmãos que me compõem.

Raquel Braga, pela qual tenho enorme afeto e aqui representa toda sua família.

Daniela Cardoso e Fabíola de Fatima, amigas que na escrita me moldaram e na vida não me largaram.

Todos os professores da ETDUFPA que em algum momento me acolheram.

À universidade pública que me condiciona a concluir mais esta etapa em minha formação.

José Denis de Oliveira Bezerra que me escolheu para viver a pesquisa teatral.

À memória de Fernando Chucre, meu eterno amigo.

Ao Deus que eu acredito.

José Robert Nunes, meu filho que me espera e se alegra com minha chegada, Mamãe está formando, filho!

Não conseguiria chegar aqui sem vocês!

Muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar experiências teatrais desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa PERAU - Memória, História e Artes Cênicas na Amazônia/CNPq. As experiências teatrais citadas neste trabalho foram desenvolvidas com mulheres mocajubenses e com artistas na cidade de Mocajuba/PA. Nessas experiências buscamos desenvolver um trabalho com teatro e memória, a partir de práticas teatrais, performance e da oralidade que conduziu as experiências aqui apresentadas. Mulheres mocajubenses se destacam na oficina de teatro e costura realizada em 2019 e motivada por meus atravessamentos de vida, enquanto estudante da Licenciatura em Teatro, costureira, mãe solo e mocajubense. Os artistas mocajubenses adentram a pesquisa sobre o pássaro junino Bem-te-vi mocajubense “No voo e cantares dos pássaros”, dialogando sobre a cultura popular paraense. Essas experiências foram pautadas nas discussões teórico-metodológicas da História Oral, através de Freitas (2006); e dos Estudos da Memória, principalmente os apresentados por Pollak (1989), ao discutir sobre silêncio e esquecimento, e Nora (1993) sobre lugares de memória. Vivenciar esses encontros possibilitou encontrar identificações, com as mulheres, força e persistência; com os fazedores da arte, valorização e resgate da cultura popular mocajubense. Por isso, pautada nos princípios norteadores deste trabalho, procuramos conhecer as experiências de vida e vivenciá-las por meio da linguagem cênica, porque acreditamos que o teatro seja esse espaço potencializador, capaz de transformar, acolher e escutar. Dessa maneira, queremos, neste trabalho, apresentar essas vivências formadoras e refletir sobre o potencial do encontro entre teatro e memória, e que neste trabalho envolveram mulheres em seus diversos contextos socioculturais e artistas da cidade de Mocajuba/PA.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro; Memória; Mulheres; Costura; Cultura popular.

ABSTRACT

The present work aims to present some theatrical experiences developed by the PERAU Research Group - Memory, History, and Scenic Arts in the Amazon/CNPq. The theatrical experiences mentioned in this work have developed with women and artists in Mocajuba/PA. In these experiences, we seek to develop this work with theater and memories based on theatrical practices, performance, and orality that led to the experiences presented here. Mocajuban women stand out in the theater and sewing workshop held in 2019. They were motivated by my life crossings as a student of the Degree in Theater, seamstress, single mother, and Mocajubense. The artists from Mocajuba enter the research on the June bird Bem-te-vi from Mocajuba "In the fly and Birds songs" dialoguing about the popular culture of Pará. These experiences had based on the theoretical-methodological discussions of Oral History through Freitas (2006); and Memory Studies, especially those presented by Pollak (1989) when discussing silence, forgetting, and Nora (1993) about places of memory. Experiencing these encounters made it possible to find identifications, with women's strength and persistence, with the makers of art, appreciation, and rescue of Mocajubense popular culture. Therefore, based on the guiding principles of this work, we seek to know life experiences and live them through the scenic language because we believe that theater is this potentiating space, capable of transforming or welcoming and listening. This way, in this work, is wanted to present these formative experiences and reflect on the potential of the encounter between theater and memory, that work involved women in their different sociocultural contexts and artists from the city of Mocajuba.

KEYWORDS: Theater; Memory; Women; Sewing; Popular Culture.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Cita Braga	15
Imagem 2 – Rosiane Rodrigues	16
Imagem 3 – Camila Carvalho	16
Imagem 4 – Narja Medeiros	17
Imagem 5 – Débora Braga	17
Imagem 6 – Marlucci Martins	18
Imagem 7 – Siliana Vieira	19
Imagem 8 – Exibição de performance	20
Imagem 9 – Enfiando linha na máquina	21
Imagem 10 – Cita Braga – Aventais (Camisa branca)	22
Imagem 11 – Performance Retalhos – Sidiane Nunes	23
Imagem 12 – Iniciação teatral (Siliana Vieira e Débora Braga)	25
Imagem 13 – Medidas	27
Imagem 14 – Jogo do Pedal – Débora, Rosiane e Camila	29
Imagem 15 – Performance Coletiva	31
Imagem 16 – “Ouça, meu Filho!” – Rosilene Cordeiro	32
Imagem 17 – Comunicação – Seminário	34
Imagem 18 – Domingos da Silva – Apelido: Xuá	37
Imagem 19 – Mestre Agenor Vieira e Mestre Bé	38
Imagem 20 – Músicos e cantora	43
Imagem 21 – Bailarinos	44
Imagem 22 – Figurino	45
Imagem 23 – Maquiagem artística	46
Imagem 24 – Parte da equipe	48
Imagem 25 – Sidiane Nunes	49
Imagem 26 – Povo Mocajubense	49
Imagem 27 – Turma do 9º ano (2021)	51
Imagem 28 – Incena Belém	51
Imagem 29 – Bem-te-vi – ICA	57
Imagem 30 – Banguuê de Moca	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CONCEPÇÃO DE ORIGENS	10
2.1 O surgimento da pesquisa	13
3 COSTURA DE HISTÓRIAS: MULHER, TEATRO E MEMÓRIA	14
3.1 Descrição das práticas performativas na oficina de teatro e costura	19
3.2 A memória e seus lugares	33
4 MEMÓRIAS TEATRAIS EM MOCAJUBA/PA: O VOO E OS CANTARES DOS PÁSSAROS	36
4.1 Teatro Popular	38
4.2 Produção artística: Músicas captadas e autorais	39
4.3 Show: O voo e canto do pássaro Bem-te-vi	43
4.4 Conquistas do pássaro junino Bem-te-vi mocajubense	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar experiências de pesquisa em arte, realizadas na cidade de Mocajuba/PA, a partir de interações sociais da memória coletiva e individual de mulheres e fazedores da arte mocajubenses, em conexão com a universidade. A primeira experiência em arte consistiu em um movimento com mulheres por meio de uma oficina de teatro e costura, realizada em 2019, com o tema “MEMÓRIA E HISTÓRIA: Um costurar de vidas de mulheres mocajubenses”. A segunda experiência ocorreu com fazedores da arte mocajubense que se apresentaram dentro da pesquisa intitulada “MEMÓRIAS TEATRAIS EM MOCAJUBA/PA: O voo e os cantares dos pássaros”, realizada no ano de 2021. Por meio de entrevista, foram coletados dados para a realização do movimento de produção à iniciação artística.

Para o movimento teatral de costura, o objetivo era que, a partir do fazer teatral e do aprendizado na costura, as mulheres participantes sentissem apoio para continuar sua trajetória, especialmente aquelas que se tornaram mães, pois a sociedade sempre as enquadra somente na categoria “Mãe”, e por este enquadramento muitas mulheres acabam desistindo dos sonhos que tiveram em uma vida inteira. Para a realização do segundo movimento teatral, percorremos em busca da memória popular mocajubense a partir da existência do cordão de pássaro junino Bem-te-vi. O desejo era que todos da atualidade conhecessem o Bem-te-vi e os que já o conheciam, relembassem essa rica importante e diversa manifestação cultural, que é um patrimônio cultural do Pará e, para muitos, esse teatro não era apresentado, inclusive para mim que, em 29 anos de vida, conheci o pássaro junino somente na graduação, no curso de Licenciatura em Teatro.

Para entender os caminhos traçados na realização destas pesquisas e manifestações artísticas, alguns questionamentos se fizeram presentes. Para a oficina de teatro e costura surgiram os seguintes questionamentos: Por que a mulher é subjugada a ponto de perder o direito a manifestar-se segundo parte da sociedade? A mulher quando se torna mãe, deixa de ser a mulher realizadora de seus próprios desejos? Qual o real papel da mulher na sociedade, e como a arte pode incentivar esta mulher a manifestar-se em prol de seus reais desejos e necessidades?

Para a segunda pesquisa, “O voo e os cantares dos pássaros”, os questionamentos foram: Por que os fazeres artísticos de raízes culturais já não se manifestam em Mocajuba/PA? Por que mesmo diante da existência do pássaro junino Bem-te-vi, as escolas da cidade não apresentam o pássaro junino como manifestação artística?

A fim de conduzir a construção destas pesquisas, esse trabalho tem como objetivo geral, apresentar os fazeres teatrais realizados em Mocajuba/PA, a partir de projetos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Perau e apoiados pela Universidade Federal do Pará. A oficina de teatro e costura visa abordar a presença da mulher na sociedade e do seu “*fazer*” na vida e na arte. Especificamente este movimento buscou: a) abordar a presença da mulher em diferentes formas na sociedade; b) promover o aprendizado da costura como meio de diálogo e incentivo à profissão; c) incentivar, por meio dos estudos da memória, o compartilhamento de histórias entre as mulheres participantes; d) conduzir as mulheres por meio de estudos, especificamente a performance, a declararem suas reais necessidades em meio a sociedade. O movimento “O voo e os cantares dos pássaros” de forma direta, buscou a partir da pesquisa ação, coletar dados da memória popular mocajubense sobre o pássaro junino Bem-te-vi, a fim de que contribuísse com a ativação da manifestação cultural mocajubense. Especificamente buscou: f) coletar dados por meio de entrevistas, com o Sr. Domingos da Silva, Sr. Agenor Vieira e Mestre Bé; g) criação artística a partir da coleta de dados; h) incentivar a produção artística em Mocajuba; i) elaborar evento para apresentação da criação artística realizada; j) ativar a visibilidade para a cultura popular mocajubense.

Este trabalho está dividido em introdução, três capítulos e considerações finais. O primeiro capítulo apresentará, sutilmente, parte da origem da cidade de Mocajuba/PA, a concepção da família Vieira Nunes, e o surgimento das pesquisas. O segundo capítulo apresentará a descrição da realização da oficina de teatro e costura: Um costurar de vidas de mulheres mocajubenses; o terceiro capítulo destaca o processo de criação artística a partir da pesquisa “O voo e os cantares dos pássaros”.

Nestas pesquisas, buscamos desenvolver um trabalho pautado nas discussões teórico-metodológicas da História Oral, através de Freitas (2006); dos Estudos da Memória, principalmente os apresentados por Pollak (1989), ao discutir sobre silêncio e esquecimento; Nora (1992), sobre lugares de memória; Richard Schechner (2006) com seu estudo “O que é performance”; Denis Bezerra – Memórias cênicas: poéticas teatrais na cidade de Belém

(1957-1990); Ecléa Bosi com seu estudo “Memória e Sociedade: Lembrança dos velhos (1983)” e “O tempo vivo da memória: Ensaio de psicologia social (2003)”;

e também Ingrid Dormien Koudela (2009) nos estudos pedagógicos com jogos teatrais em conexão com a costura; e Graziela Ribeiro apresentando o mapeamento de pássaros juninos e seus trajes em “O traje do pássaro junino: Mapeando grupos e pensamentos”.

Os caminhos metodológicos, neste trabalho de modo geral, realizaram diálogos entre Teatro e Memória, e em seus detalhes podem ser vistos os lugares da memória e sua importância dentro do processo que parte da memória individual da artista pesquisadora e segue para a memória coletiva. Em meio a esses diálogos foram realizados os estudos da performance que proporcionaram especificamente às mulheres da oficina de teatro e costura a apresentarem suas reais necessidades em uma imensidão de possibilidades que a performance traz e representa. A história oral pode ser identificada com extrema força nas duas experiências teatrais e ela nos permitiu utilizar da entrevista como canal de captação das histórias apresentadas no decorrer desta escrita, cumprindo a essência da oralidade, que é passar de geração a geração as histórias que nos foram contadas.

Os jogos teatrais, neste trabalho, dialogam Teatro-Educação e novas formas de ver e realizar o ensino, a partir dos estudos de Ingrid Dormien Koudela, foram apresentados às mulheres mocajubenses, como guia para a arte da costura e destaque, ainda, a abordagem essencialista que Ingrid apresenta em sua pesquisa, onde considera que a arte tem uma unicidade na contribuição das experiências e culturas humanas. E esta fundamenta a importância dos jogos teatrais nessas experiências teatrais e no processo educacional de modo geral.

2 CONCEPÇÃO DE ORIGENS

Em 1854, João Machado doou uma propriedade para que ali se instalasse a povoação do Maxi num belíssimo cabo na porção de terra firme da margem direita do Rio Tocantins. Encontraram os maxienses as condições para fazer progredir a freguesia, que não passava de poucas casas e de uma capela, e em 10 de outubro fundou a Vila de Mocajuba, o menor território municipal no baixo Rio Tocantins. Mais de um século depois, Mocajuba tornou-se o maior produtor nacional de pimenta-do-reino e despontou como um promissor município do Pará. (IBGE).

Pouco se sabe sobre o nascimento da cidade de Mocajuba/PA, mas o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apresenta o que temos como começo da caminhada histórica de Mocajuba/PA, que é banhada pelo Rio Tocantins. Ela tem cerca de 31.917 mil habitantes e está localizada na região nordeste ao oeste do estado do Pará, com distância de 166 km em linha reta da capital Belém/PA. Nos contos de minha família, a sede de Mocajuba surgiu nos braços do rio Tauaré e posteriormente migrou para a propriedade cedida por João Machado, que era uma figura pública da época. Um dos bairros que passou a expandir Mocajuba foi o bairro Arraial, que anteriormente era um quilombo que abrigava os escravos fugidos, a praia que hoje habita em Mocajuba era somente um olho d'água que o povo tomava banho, e que com o tempo foi se expandindo, bem como, os caminhos foram se transformando em ruas e esta terra, que hoje conhecemos, foi sendo povoada.

Por muito tempo Mocajuba foi a terra da pimenta-do-reino, a principal fornecedora de pimenta no estado do Pará, meu pai conta que quando trabalhava no pimental, ele recebia 20 centavos para cada buraco de terra que cavava para fincar estaca para a plantação de pimenta. Esta cidade foi palco para meu desenvolvimento social e artístico-pedagógico, mas a terra que presenciou o surgimento de minha existência chama-se Açaizal Ilha. Uma ilha com poucos habitantes, localizada às margens do rio Andiroba, próximo à Vila de Itaquara e da cidade de Baião, localizada ao nordeste do estado do Pará. Em linha reta, Açaizal fica a 217,44 km da capital paraense (Belém), foi em Açaizal que Rozina Vieira dos Santos, minha mãe, morou durante boa parte de sua vida ao lado de meus avós maternos, Juliana Rosa e Cláudio Vieira, mais oito (08) irmãs e três (03) irmãos.

Açaizal é uma zona ribeirinha, onde as moradias são afastadas, tendo uma distância de aproximadamente 250 metros de uma casa para outra, os transportes se dão através de canoa-remo, rabetas, e barco a motor. O rio é a principal fonte de alimentação por meio da pesca,

que resiste mesmo depois dos efeitos negativos que a usina hidrelétrica de Tucuruí/PA trouxe para os ribeirinhos. Temos como exemplo a poluição termal, que reduz o oxigênio dissolvido, levando os animais aquáticos à morte, e isto tem ocorrido em Açaizal desde que a usina hidrelétrica foi criada em Tucuruí (1984). Depois da pesca, vem a roça, que lhes permite fazer farinha para seu consumo. Visualmente, Açaizal é um lugar com poucas casas onde a natureza se destaca, o vento transforma as árvores em verdadeiras bailarinas. O tempo ensolarado nos permite desfrutar melhor de Açaizal, mergulhar no rio, pescar, passear de canoa, conhecer a mata. Em tempos de chuva a gente admira a paisagem de dentro da casa e às vezes o momento sinistro e obscuro nos remete ao cenário de silêncio e calmaria.

Na ilha de Açaizal, Rozina se tornou mãe sem barriga. Sua mãe (Juliana Rosa) ficou doente 8 dias após parir sua caçula, Roselina, e Rozina passou a criar sua irmã. Tempos depois, veio a segunda concepção, e desta vez nasceu um menino, Márcio José, foi com o nascimento dele que ela se tornou mãe de barriga e mãe solo. Continuou morando em Açaizal por algum tempo e depois se mudou com sua filha e filho para Mocajuba. Era período de festa junina, mamãe estava na festividade do bairro Arraial em Mocajuba, no meio de comidas, danças, brincadeiras, quadrilhas e músicas juninas, neste dia ela conheceu Sedimar Nunes.

Sedimar era morador da comunidade quilombola Uxizal, localizada no 2º distrito de Porto Grande, e fica a 17,27 km em linha reta de seu município sede Mocajuba/PA. O acesso a Uxizal a partir de Belém/PA pode ser realizado via rodoviária, marítima e aérea até Mocajuba e segue de barco ou voadeira para a vila de Mangabeira ou São Benedito do Vizeu, que são as vilas mais próximas de Mocajuba e que dão acesso ao Uxizal. Chegando em uma das vilas, o transporte mais comum é a motocicleta, mas também é possível passar pela estrada que conduz ao Uxizal de carro ou se preferir de bicicleta. Uxizal tem o formato de um círculo, feito com casas dos moradores, um barracão no meio que é o lugar onde a comunidade faz suas reuniões, uma escola e uma igreja católica. Mesmo sendo filha de Uxizal, fui conhecê-lo somente a partir das ações da Igreja Batista que se localiza em Mocajuba/PA e faz ações de doutrinação na região de Uxizal.

Dois anos depois de se conhecerem, Sedimar e Rozina já esperam por sua primogênita, Sineide Nunes. Os dois viviam de trabalhos na roça, fazendo farinha de mandioca e cavando buracos para a plantação de pimenta-do-reino em pimental (área de plantação de pimenta-do-reino). Passavam semanas nos centros (zonas rurais) e depois

retornavam à Mocajuba. Eles estavam na roça trabalhando quando mamãe começou a perder o tampão mucoso, que protegia o desenvolvimento de nossa irmã, que veio a nascer em 20 de julho de 1986. Dois anos se passaram e nasceu Silas, mais dois anos e nasceu Siliana e quando esta tinha 1 ano e 5 meses, eu nasci, Sidiane Vieira Nunes.

Um pouco antes do meu nascimento, meus pais resolveram passear em Açaizal Ilha, passados alguns dias, Deus, o universo, a terra, água, sol, e escamas testemunharam minha vinda ao mundo, foi ao pôr do sol no dia 27 de fevereiro de 1993, que minha voz revelou meu corpo ao mundo pela primeira vez, nascera então a mais nova pisciana.

Minhas irmãs e irmãos mais velhos brincavam com primos e primas no rio, uns andavam de casco, e outros se metiam a brincar de pira-pegas na água, enquanto isso vovó Juliana Rosa escamava peixes no porto próximo a eles, vovô havia saído com papai para pescar, e mamãe sozinha na casa de vovó, sentia as dores reais do parir, dores que meu nascimento estava lhe causando, através do processo natural da vida, o parir. Rozina me pariu sozinha, minutos depois vovó chegou e com as mãos com escamas de peixe me pegou sobre a barriga da mamãe e mandou que chamassem a parteira. A parteira ao chegar nos limpou e receitou os chás de limpeza do organismo e de cuidado íntimo da mulher, as famosas garrafadas de barbatimão com outros paus da natureza que são capazes de nos curar. Resguardarmos e voltamos para Mocajuba. No cartório municipal de Mocajuba, meu pai me registrou com a data de 27 de março de 1993, o motivo, ninguém sabe, muito menos ele, de pisciana, passei a ser ariana.

Nos firmamos na cidade de Mocajuba/PA, cada um cresceu a seu modo, mamãe e papai trabalhavam como podiam para nos proporcionar pelo menos o alimento diário. Papai saiu da roça e passou a trabalhar na feira municipal de Mocajuba vendendo farinha de mandioca e está na feira até os dias de hoje, mas atuando como vendedor de lanche (coxinha e suco). Mamãe se tornou uma mulher doméstica, e se mantém assim. Márcio José e Roselina Alves formaram família cedo e foram viver em suas casas. Sineide se formou em pedagogia, mas atua como secretária da UNAJA (Unidade de Arrecadação Judicial) no fórum municipal de Mocajuba/PA, tem dois filhos. Silas trabalhou na feira desde pequeno com papai, mudou-se para Belém, casou e atualmente trabalha como motoboy (entregador de motocicleta). Siliana, no início da juventude, mudou-se para Belém/PA, se formou em administração, com a

pandemia pela covid-19, voltou a morar em Mocajuba e passou a trabalhar como depiladora administrando o próprio negócio, atualmente tem um filho.

Por minha vez, cresci na feira municipal de Mocajuba com meu pai, vovó, irmão e tia do mingau (Adalgiza Caldas), aprendi a cantar por intuição e fé, aos 13 anos de idade, com 20 anos entrei para Universidade Federal do Pará (UFPA) para cursar Licenciatura em Matemática, essa vontade não durou muito tempo, um ano e meio depois, abandonei o curso, e aos 23 anos voltei para a UFPA, mas desta vez para cursar Licenciatura em Teatro. Atualmente, sou concluinte do curso de Licenciatura em Teatro e estudante do curso Técnico em Teatro (UFPA), bem como, pesquisadora em arte pelo Grupo de Pesquisa Perau¹ - Memória, História e Artes Cênicas na Amazônia/CNPq.

2.1 O surgimento da pesquisa

No decorrer da vida, desenvolvi habilidades que me permitiram ser uma artista múltipla, atriz, costureira, cantora, compositora, dubladora, animadora de eventos infantis, dramaturga, poetisa, escritora, e além de toda a habilidade artística, atualmente, me cabe também o título de mãe, especificamente mãe solo. O mundo materno se abriu para mim, com o nascimento de José Robert, que me trouxe experiências, onde passei a viver por mim e por minha cria. E foi por toda minha trajetória, pelas habilidades que desenvolvi e pelo título de mãe, que surgiram em Mocajuba/PA pesquisas coordenadas por mim² e realizadas pelo projeto de extensão Memórias Cênicas: formação e reflexão do grupo de pesquisa em arte, Perau.

¹ Perau - s.m - Canal de um rio. Lugar onde não se toma pé. Etim. tupi. (MIRANDA, 1968, p. 66).

² As pesquisas que discorrem foram realizadas pelo Grupo de Pesquisa Perau ligado a PROEX (Pró-Reitoria de Extensão; Pibipa (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Produção Artística); Licenciatura em Teatro - UFPA; ETDUFPA (Escola de Teatro e Dança da UFPA); ICA (Instituto de Ciências da Arte); UFPA (Universidade Federal do Pará).

3 COSTURA DE HISTÓRIAS: MULHER, TEATRO E MEMÓRIA

No ano de dois mil e dezenove (2019) o Grupo de Pesquisa Perau, por meio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA) e a Universidade Federal do Pará (UFPA), realizou em Mocajuba/PA a primeira pesquisa artístico-pedagógica, a qual pude coordenar. A pesquisa foi intitulada “Memória e história: Um costurar de vidas de mulheres mocajubenses”, e tratou-se de uma oficina de teatro e costura direcionada a mulheres que residiam na cidade. A oficina foi realizada na casa da professora e, também, costureira Cita Braga. Neste lugar foram desenvolvidas práticas teatrais, estudos da performance, jogos teatrais, rodas de conversas, de onde vieram os compartilhamentos de histórias que nos proporcionaram momentos de reconhecimento e reflexões acerca da presença individual e coletiva da mulher na sociedade.

Em teatro, corte e costura nossas memórias foram ativadas e confeccionadas, a oficina teve como fruto de trabalho confecções de roupas e criação das performances: “Retalhos” (Sidiane Nunes) e Costeatras³ (Oficineiras) que foram elaboradas a partir dos diálogos sobre performance e de práticas teatrais desenvolvidas na oficina. As duas performances têm concordância com o que Richard Schechner diz sobre comportamento restaurado, que se fundamenta na repetição de movimentos que já foram vivenciados inconscientemente em algum momento da vida, mas que por uma nova ação, estes movimentos voltam a ser únicos e se mantêm na memória do conceito sobre o que é de fato performance, área que muito se discute e diverge no mundo das artes e da vida.

Performances são feitas de porções de comportamento restaurado, mas cada performance é diferente de qualquer outra. Primeiro, determinadas porções do comportamento podem ser recombinadas em um número sem fim de variações. Segundo, nenhum evento consegue copiar exatamente outro evento. Não apenas o próprio comportamento – nuances do humor, tom de voz, linguagem corporal, e daí por diante, mas também a ocasião específica e o contexto fazem com que cada caso seja único (SCHECHNER, 2006, p. 31).

A performance Retalhos foi elaborada a fim de influenciar as mulheres participantes a não desistirem do processo e estarem abertas para a vivência em teatro e costura. A

³ Apelido dado às mulheres da oficina de teatro e costura, por serem costureiras e fazedoras de teatro.

performance Costeatras foi pensada coletivamente e apresentada no último dia de oficina, que ocorreu em formato de evento realizado na Praça Matriz Nossa Senhora da Conceição na cidade de Mocajuba/PA. De modo geral as práticas teatrais nos permitiram experimentar a criação de performances, elaboração de cenas curtas e compartilhamento de histórias pela oralidade.

A oficina teve duração de seis (06) dias corridos, 21 a 26 de outubro do ano de 2019. Cada dia foi dividido em dois momentos, no primeiro momento estudávamos sobre teatro com base nos jogos teatrais e performance, o que nos possibilitou realizar o compartilhamento de nossas histórias. O segundo momento foi dominado por linhas, agulha, fita métrica, retalhos, pedal e máquina. No intervalo entre os dois momentos ocorria a socialização livre entre as mulheres, o lanche da tarde ficou marcado pelo riso aberto, que de longe se ouvia.

No total participaram, da oficina de teatro e costura, seis (06) mulheres, que se permitiram viver esta experiência, elas se inscreveram na oficina por meio de formulário virtual e adentraram a casa da Cita Braga com muita timidez e respeito. Apresento a receptora desta oficina, “Cita Braga”, que é professora na educação infantil, mocajubense, artesã, costureira há 15 anos e mãe de duas pessoas, Lívia Braga e Felipe Braga.

Imagem 1 – Cita Braga.



Fonte: Braga, 2019.

Rosiane Rodrigues é mocajubense e compartilha conosco sua maternidade, ela é mãe de Lorenzo e uma mulher cheia de gratidão à sua família. Conheceu a costura através de sua mãe que confeccionava calcinhas, e fazia teatro na igreja.

Imagem 2 – Rosiane Rodrigues.



Fonte: Nunes, 2019.



Camila Carvalho.

Camila Carvalho, moradora na cidade de Mocajuba, filha de ribeirinhos, ela conta que sua mãe foi feirante por longos anos e a feira proporcionou a ela a moradia que tem hoje,

Camila é técnica na Enfermagem e mãe do Enzo Carvalho, e sempre que necessário deixa Enzo sob os cuidados de sua mãe. Avó materna de Enzo.

Fonte: Bezerra, 2019.

Narja Medeiros em roda de conversa sobre o percurso da oficina, agradeceu ao teatro pela oportunidade em poder falar sem se constranger, e afirmou que só conseguiu participar da vivência final na oficina, por ter vivências práticas teatrais no decorrer da mesma, Narja é uma linda e encantadora mocajubense.

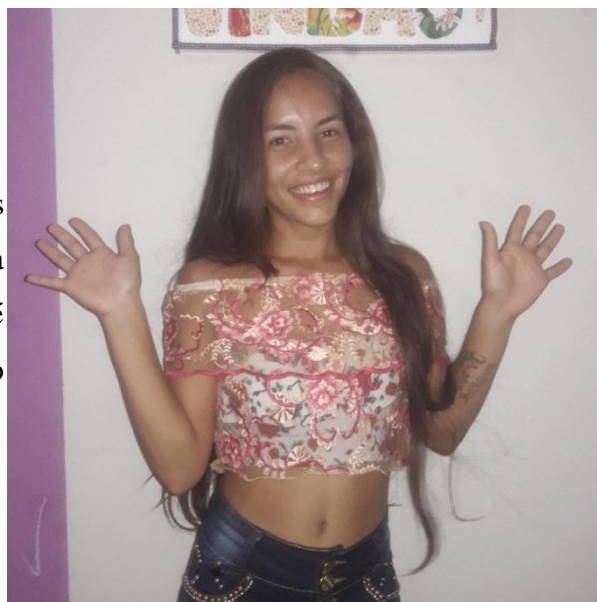
Imagem 4 – Narja Medeiros.



Fonte: Nunes, 2019.

Imagem 5 – Débora Braga.

Débora Braga apresenta em seus passos, doçura e calma, quem a contempla tem o prazer em confirmar minha escrita, ela é mocajubense e mãe de um menino chamado



Wallace Samuel, este que em quase todos os dias de oficina esteve conosco me fazendo lembrar dos meses em que caminhei para a ETDUFPA com meu filho José, e lá obtive apoio de alguns professores e colegas de sala, esse apoio foi de suma importância para que eu continuasse a estudar.

Fonte: Nunes, 2019.

Débora me oportunizou retribuir o incentivo e muito me alegrou quando compartilhou conosco a alegria de poder ter o filho por perto e conseguir participar da oficina, agradecendo por ter tido essa experiência em teatro e costura.

Imagem 6 – Marluci Martins.



Marluci Martins, é filha de Mocajuba, é filha de costureira e neta de costureira, tem a costura em sua volta, de geração a geração a costura pela oralidade é ensinada e Marluci veio a oficina com objetivo de aprender e praticar, ela encanta com seus risos, ao mesmo tempo que ensina o que já ouviu de sua família sobre a costura.

Fonte: Nunes, 2019.

Siliana Vieira é sangue do meu sangue, minha irmã do meio, ajudou nas ações da oficina. Ela carrega comigo a memória de minha existência, e de sua existência também, compartilhou conosco o prazer que tenho hoje, o prazer de se formar. Nossos pais cursaram até a segunda série do ensino fundamental, escrevem somente o nome e com muita dificuldade uma frase qualquer, mas com muito trabalho formaram 3 filhas, Sineide Nunes em

pedagogia, Siliana Vieira em administração e agora Sidiane Nunes na licenciatura em teatro. Compartilhamos uma trajetória de gratidão.

Imagem 7 – Siliana Vieira.



Fonte: Vieira, 2019.

3.1 Descrição das práticas performativas na oficina de teatro e costura

No primeiro dia da oficina apresentei o plano de ensino criado para a oficina e realizei inconscientemente uma nova performance a partir das performances realizadas pela turma de Licenciatura em Teatro (2017), apresentando em fotografia as performances que a referida turma realizou no ano de 2018 na disciplina de Performance, lecionada pela Profa. Dra.

Karine Jansen, na Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA). A partir das performances apresentadas, ocorreram diálogos sobre teatro e performance no palco e na vida cotidiana. Algumas mulheres nunca tinham tido contato com o teatro conscientemente, mas no decorrer da roda de conversa apresentavam um cotidiano repleto de práticas em teatro, desde o acordar, cuidar da cria, de si mesma até o adormecer.

Imagem 8 – Exibição de performance.



Fonte: Vieira (2019).

A costura é anterior à tecelagem de pano, é uma utilização quase universal, quem costura tem nas mãos o vestuário que deseja, e pode realizar desejos de outrem também. Dentro da oficina, começamos os trabalhos na parte da costura com o enfiar de máquinas, busquei em minha memória o período que aprendi com minha tia Raquel Braga, também

costureira, e lembrando o que ela me ensinou, ensinei as mulheres que estavam sempre atentas e as dúvidas eram suas companheiras, elas me enchiam de perguntas que, particularmente, eu adorava. Entre elas, Camila era a única que tinha máquina de costura, mas não costurava diariamente, ela, assim como as outras, ficavam com os olhos fitos em cada detalhe. Tínhamos à disposição três tipos diferentes de máquina (Overlock, Reta e Galoneira), e depois de ensinar o enfiar de linha em cada uma delas, foi a vez das mulheres praticarem.

Imagem 9 – Enfiando linha na máquina.



Fonte: Vieira (2019).

Cita Braga foi uma importante colaboradora, cedeu sua casa para realização da oficina, um lugar que possui memória e em cada detalhe se encontra histórias que marcaram a vida desta mulher, ela também disponibilizou as máquinas de costura que são suas parceiras de vida, e a ajudam em suas confecções e na contribuição de sua renda familiar. E quem é Cita

Braga e o que esperar da casa de uma mulher como ela? Cita Braga é professora, artesã, costureira, pintora, fazedora de arte, mãe solo e moradora de Mocajuba/PA. Religiosa, sempre agradece e dedica suas conquistas ao seu Deus. O cenário da casa de Cita é surpreendente e quem chega se encanta, seus artesanatos espalhados e pendurados pelas paredes, fios, linhas, botões e retalhos são bem vistos e organizados cheios de capricho; guardanapos pintados à mão com crochê ao redor, víamos vestígios de seus trabalhos, retalhos de tecidos, restos de miriti e pétalas de flores artificiais, que ela usa para fazer coroa de túmulo para o dia de finados, e no meio da decoração brinquedos de seus filhos, que identificam a mulher e mãe que Cita é. Além de proporcionar sua casa, máquinas, linhas e acessórios de costura, Cita trouxe, para o primeiro dia de oficina, a mesa “Linhas que costuram a memória”, onde contou sua trajetória também com a arte da costura.

O enfiar de máquina se deu quando mesmo sem saber costurar, ela comprou sua máquina e, no ato da compra, a vendedora lhe ensinou. O corte e costura aprendeu com outras amigas costureiras da região de Mocajuba, sua primeira encomenda foram 50 camisas de malha que ela confeccionou em uma tarde. Pela oralidade, Cita aprendeu a costurar e foi assim que compartilhou um pouco de sua experiência com as mulheres, mostrando alguns de seus trabalhos como: vestidos, saias, fantasias, grinaldas, aventais etc.

Imagem 10 – Cita Braga – Aventais (Camisa branca).



Fonte: Vieira (2019).

Cita é também formada em pedagogia, e em sala de aula ela mostrava para as crianças suas artes. Confeccionou para sua turma aventais, trazendo as crianças para o mundo da cozinha e falando sobre a importância das frutas, e no dia das crianças ela vestiu sua palhaça e fez a diversão na escola onde lecionava. Ela se emocionou ao contar um pouco de sua trajetória e nos parabenizou pela realização da oficina que dava visibilidade a ela e às suas amigas costureiras em Mocajuba. A porta da casa de Cita se abriu cheia de história, força, representatividade e afeto.

Para continuarmos nossos estudos acerca do teatro e performance, no segundo dia de oficina começou com a apresentação da performance “Retalhos”, que apresentei às mulheres presentes na oficina. Nesta performance me coloquei no centro da cena, com retalhos no ouvido, tentando evitar a passagem de som, à minha disposição estavam a máquina de costura e retalhos. Enquanto as mulheres chegavam, eu entregava a cada uma delas um papel contendo uma frase, e eram orientadas a falar em voz alta, sempre que eu tirasse os retalhos do ouvido. As frases remetem a momentos que marcaram o começo da minha trajetória enquanto costureira, entre elas estavam: “Costureira boa é aquela que já olha pra pessoa e

sabe o tamanho”, “Sabe costurar nada, já vai errar”, “é rápido, é só um buraquinho”, “Tu não vais dar conta, tão nova”.

Imagem 11 – Performance Retalhos – Sidiane Nunes.



Fonte: Vieira (2019).

Na performance, me utilizei de retalhos para confeccionar um vestido de boneca. Há momentos na confecção do vestido em que eu retiro os retalhos do ouvido, e as mulheres citam as frases, uma de cada vez, então paro de costurar, até que coloco o retalho novamente e volto a costurar, ao final da performance o vestido de boneca estava pronto e então tirei os retalhos e finalizei com a frase: “Será que minha boneca vai gostar?”. E a resposta foi unânime: “Sim!”.

O objetivo desta performance era fazer com que as mulheres refletissem sobre as dificuldades que elas poderiam ter no processo de aprendizagem da costura e também nas práticas teatrais. E estarem preparadas para qualquer julgamento negativo que pudesse vir em seus caminhos, a fim de que as impedisse de exercer qualquer atividade e/ou profissão. Depois da performance, houve diálogos do que haviam acabado de assistir e também

continuação dos estudos da performance a partir do texto “O que é performance?”, de Richard Schechner.

Neste dia as práticas foram intensificadas, começando com a iniciação teatral que compõe práticas corporais, aquecimento, caminhadas pelo espaço com foco e sem foco, jogo de coordenadas com palmas, e também relaxamento. Aproveitei esse momento para introduzir os conceitos de jogos teatrais a partir dos estudos de Ingrid Dormien Koudela, que apresenta o jogo teatral como um grande fenômeno de criação de teatro coletivo. Segundo Koudela, o jogo teatral é dividido em três fichas: A, B e C.

A complexidade crescente dos jogos é indicada em Theater Game File através da organização das fichas em A (Jogos Teatrais), B (Jogos Teatrais acrescidos da estrutura dramática) e C (Jogos teatrais com alunos adiantados). (KOUDELA, 2009, p. 41).

Neste momento, utilizamos a ficha B, que se baseia no jogo teatral acrescido de jogo dramático. O jogo teatral escolhido para esta vivência é chamado: “Tu conta que eu canto”. Este jogo foi criado por mim e tem o objetivo de incentivar a criatividade, atenção, caminhos melódicos, práticas de encenação e escrita de cena.

Tu conta que eu canto

Todas se colocam em roda

Uma começa a cantar e vai para o centro da roda

No centro da roda passa a contar a história de seus afetos

Depois é interrompida por outra que caminha cantando até o centro da roda e ocupa o lugar da pessoa que estava contando sua história e esta volta para a roda.

O jogo segue desta forma até que todas possam compartilhar suas histórias

O jogo finaliza com todas em roda cantando a música escolhida pela última pessoa ao terminar de contar sua história.

O jogo teatral deu possibilidade para que todas as mulheres na oficina pudessem organicamente se expressar através do teatro, em dupla elas misturaram suas histórias compartilhadas em jogo e encenaram, colocando no corpo suas dores, alegrias, o apoio da família, de amigos e até mesmo de estranhos. Conhecemos mulheres que haviam passado por dolorosa separação conjugal, outras que sua maior realização foi ter concluído sua graduação, o mundo da maternidade também se apresentou e teve aquela que trouxe como momento marcante em sua vida uma surra que levava de sua mãe quando adolescente. Realizamos o

processo puro, que identifica a oralidade, contamos e ouvimos histórias, foram momentos de compartilhamentos e identificações que trouxeram muito riso e emoção. “Eu chorei, elas choraram, eu me senti abraçada por elas” (Débora Braga).

Imagem 12 – Iniciação teatral (Siliana Vieira e Débora Braga).



Fonte: Nunes (2019).

Destacamos aqui o tema de um dos assuntos mais falados em roda: “Depois que me tornei mãe”. Incrivelmente as mulheres participantes (03) da oficina que já haviam se tornado mãe, compartilhavam opressões parecidas, vindas de vários lados, até mesmo de sua própria família, e ao se tornarem mãe sempre vinham dúvidas como: continuo a estudar? Vou à festa? Posso me divertir? Posso continuar a lutar pelos meus sonhos? E se eu deixar com a avó o que vão dizer de mim? Baseando-nos nessas perguntas, nossas conversas foram impulsionadas. “Eles acham que a gente não pode mais nada depois que temos nossa criança” (Rosiane Rodrigues).

Destaco o questionamento de Camila Carvalho: “E se eu deixar com a avó, o que vão dizer de mim?”. O julgamento faz parte do corpo social materno, mas ele não precisa ser naturalizado, a prova disso é minha própria existência no mundo materno. Para experimentar

e vivenciar a prática teatral em oficina de teatro e costura, deixei minha cria “José Robert Nunes” com sua avó “Rosina Vieira dos Santos”, e, independente do que diriam sobre esse ato, eu tinha certeza de que tudo estava na ordem da criação, do cuidado e da continuidade. José Robert, meu filho, me faz perceber o mundo diferente, não romantizado, mas o mundo real no qual estamos inseridos e mergulhados até o pescoço com enormes conceitos e demandas que muitas vezes não são nossos, mas em nossas costas são colocados e o que fazer quando questionamentos não construtivos vierem? A gente se firma na uma outra e se fortalece respondendo exatamente o que Rosilene nos ensinou no último dia de oficina: “Se tiver avó pra deixar, eu vou deixar”.

Pela experiência que a mim cabe testemunhar e a que escutamos das mulheres, afirmo que podemos sim continuar a sonhar, não deixamos de ser quem somos depois que temos nossos filhos, e esse compartilhamento foi mais uma prova que, mesmo diante de opressões, continuamos lutando pela realização de nossos sonhos, e se tiver avó para deixar, deixaremos e assim continuaremos amando nossa cria e nos amando também. “Estar com vocês nas rodas de conversa me fez muito bem, obrigada” (Narja Medeiros).

E chegou o momento de juntas pensarmos qual rumo tomariam nossas confecções, então cada mulher escolheu um modelo a ser seguido e por coincidência todas escolheram blusas, porém, com modelagens diferentes. O próximo passo foi refletir sobre a modelagem da peça escolhida, quais formatos teriam os cortes dos tecidos/retalhos, e qual caimento teria a peça já confeccionada. Para isso, voltamos às nossas infâncias, período da vida em que o desenho é adorado, independentemente de sua forma. Cada mulher foi instigada a desenhar como imaginava o seu modelo escolhido, não falamos aqui de um “croqui”, que é como chamamos para um desenho artístico, mas de um desenho técnico que tem por objetivo apresentar a peça a ser confeccionada. Desenhar é o que sempre faço antes de costurar, a fim de facilitar a interpretação correta do modelo desejado por mim ou cliente.

Na oficina o objetivo do desenho era saber como elas viam e sentiam que o modelo da imagem realmente era, sabemos que nenhum desenho é igual à imagem, mas é necessário que se tenha a ideia, os traços, e representatividades do que se deseja, no desenho. Mariana Arantes e Silva e Lucília Lemos de Andrade, em sua pesquisa com o tema “Desenho técnico de moda e suas funções na confecção do vestuário”, falam sobre a importância do desenho técnico na confecção:

[...] o desenho técnico é a ferramenta mais importante em um projeto de moda, sendo o meio de comunicação entre quem cria (o designer), quem compra e quem produz. Por isso, a completude das partes do desenho é fundamental para otimização do processo produtivo (SILVA; ANDRADE, 2016, p. 218).

Depois de desenhar, chegou a hora de definir o tamanho de cada confecção, a partir das medidas encontradas na fita métrica, que é um instrumento flexível de medida usado para medir distâncias, entre traços horizontais e verticais medidos no corpo. É desta forma que as costeiras encontram o tamanho da manequim de clientes. As mulheres definiram as medidas básicas umas das outras (busto, cintura, quadril, largura de ombro etc.).

Imagem 13 – Medidas.



Fonte: Nunes, 2019.

De acordo com as medidas encontradas e o modelo desejado, começamos a traçar a modelagem da roupa no jornal, que depois de sua publicação pode ser reciclado de várias formas, e dentro de minhas criações, enquanto costureira, reciclo fazendo moldes das roupas que pretendo confeccionar, evitando desperdício de tempo e principalmente de tecido. Para fazer os moldes, além das medidas, utilizamos: fita métrica, caneta, tesoura e jornal. Realizamos a modelagem traçando as medidas horizontais e verticais do corpo, depois recortamos o traçado, removendo do papel total o molde. Do tecido utilizado apenas Narja Medeiros comprou, as outras usaram retalhos de tecidos que restaram de minhas confecções.

Os retalhos têm grande importância na criação da costureira, eles são a confirmação de que ela realizou o desejo de si ou de outra pessoa. Os retalhos podem ser reutilizados e receber uma nova visualidade, tornando-se uma nova realização. Foi exatamente o que fizemos na oficina, utilizamos os retalhos para a confecção dos modelos de blusas escolhidas pelas mulheres. Tendo o molde de jornal pronto, colocamos sobre o tecido e realizamos o corte. Camila, pela ausência de jornal, foi a única que fez a modelagem direto no próprio tecido.

O terceiro dia começou, também, preparando o corpo e a voz para a realização das atividades teatrais. Em roda de conversa, compartilhamos mais histórias que marcaram nossas vidas. E a partir das práticas teatrais começamos a pensar na estrutura da performance a ser apresentada como parte de conclusão da oficina. No que se refere à costura, o próximo passo foi manusear a máquina de costura, a fim de costurar os cortes de tecido já realizados. Tínhamos em vista três máquinas de costura com funções diferentes, em todas elas as mulheres sentiam insegurança, e diziam frases como: “Minha sogra tem uma máquina, uma vez tentei costurar nela, a costura ficou toda torta” (Débora Braga); “E pensar que a vovó faz isso com tanta facilidade” (Marluci Martins); “Quando eu era adolescente, a mamãe me botava pra colocar elástico nos shorts que ela fazia, mas era só isso que eu sabia” (Rosiane Rodrigues); “Costurando eu lembro muito da minha vó, que costurava” (Camila Carvalho); “Sempre quis aprender a costurar, mas tinha muito medo de quebrar com a máquina” (Narja Medeiros); “Vamos quebrar essa agulha já já” (Siliana Vieira).

Ao observar a insegurança que algumas mulheres estavam tendo diante da máquina de costura, foi a hora de apresentar o jogo teatral chamado “Jogo do Pedal”, criei o jogo especialmente para este momento, com objetivo de conduzir as mulheres a conhecerem o funcionamento do pedal da máquina de costura, que é parte condutora do seu funcionamento.

Jogo do pedal

Usar: Pedal de máquina e voz

Sentadas em cadeiras e com pé no pedal desconectado da máquina

Pedido da orientadora: Imaginem que este pedal tem três níveis que conversam com a voz.

Nível 1 – Voz com altura baixa – Pisar um nível no pedal

Nível 2 – Voz com altura média – Pisa mais um nível no pedal

Nível 3 – Voz com altura alta – Pisar o 3º nível no pedal

Depois de repetir algumas vezes – conecta o pedal na máquina sem linhas

Repete o jogo com o funcionamento direto da máquina ligada na tomada
Enfia a máquina
Repete o jogo utilizando um retalho de tecido para formação de pontos da máquina.

Depois da realização deste jogo, a confiança no pisar da máquina foi unânime, as mulheres perceberam que o pedal da máquina tem limite e este determina segurança no manuseio da máquina.

Imagem 14 – Jogo do Pedal – Débora, Rosiane e Camila.



Fonte: Vieira (2019).

No dia quatro, devagar fomos chegando e formando uma roda para aquecer corpo e voz, o contato com o corpo uma da outra foi mais intenso e nos envolvemos formando um corpo só, experimentando os planos: baixo, médio e alto. Como estudar sobre a performance teatral era um dos focos na oficina, em seguida voltamos a pensar na realização da performance que fecharia as atividades de nossa oficina. Decidimos, então, apresentar, com o corpo e a voz, movimentos que remetessem à performance final, de acordo com o tema escolhido por cada uma, temas esses que falaram de maternidade, mulher e sociedade como um todo.

Depois do intervalo, continuamos a etapa da costura, as mulheres começaram a costurar seus recortes, e aos poucos suas confecções iam ganhando forma. Esse processo foi bastante demorado, pois as mulheres precisavam de muita atenção para que realizassem a costura, e entre costura e atenção sempre estava a história de alguém ganhando espaço e euforia. Aos poucos, foram terminando as confecções, cada uma confeccionou sua blusa, com sua própria medida. No processo da costura tive o papel de orientadora, e ao final da tarde deixamos a casa de Cita felizes por termos conseguido concluir as confecções e termos participado desse momento de compartilhamento de memória, história e ações.

O quinto dia chegou, e com ele a satisfação em ter realizado esta oficina. Trabalhamos para organizar o evento que completaria o sexto dia. Quanto à realização da performance, cada mulher escolheu uma frase que pudesse comunicar à sociedade as questões apresentadas em oficina, a partir do compartilhamento de histórias, a frase escolhida ganhou forma quando pegamos retalhos e criamos letras, e aplicamos em um retalho maior, formando a frase desejada por cada uma. Decidimos montar, no evento, um cenário com a máquina de costura reta, mesa e cadeira. O conceito de performance diverge de pesquisador para pesquisador, então o processo de pensar a performance condiz com os estudos de Richard Schechner sobre comportamento restaurado e também sobre suposições que permeiam sua pesquisa, como uma performance teatral não ser apresentada mais de uma vez. E seguindo por este pensamento, na época decidimos apenas pensar e estruturar oralmente como seria a realização da performance, deixando a ação para o último dia que apresentaria os frutos da oficina de teatro e costura em Mocajuba/PA.

O último e sexto dia de oficina chegou, foi um evento realizado na concha acústica da Praça Matriz Nossa Senhora da Conceição, em Mocajuba, o evento foi comunicado na rádio da cidade e nas redes sociais. A performance pensada durante a oficina começou desde o momento em que chegamos à praça e começamos a organizar o cenário no palco, para isto tivemos o apoio de Manoel Barbosa que forneceu cabos e microfone e Fernando dos Santos que, além de nos ajudar na organização do espaço, nos forneceu caixa de som e solicitou junto à paróquia da praça o espaço para realizarmos o evento. O cenário foi composto por uma mesa, máquina de costura, linha, tesoura e cadeira, nos fundos ficou a instalação de uma tela pequena para reprodução de data show. Algumas mulheres não puderam participar deste momento e outras, como eu, levaram consigo suas crias e, então, depois de ter o cenário

organizado, formamos uma roda em frente ao palco, nos aquecemos e saímos ao redor do espaço convidando as pessoas para assistir à finalização da oficina. Ao voltarmos nos posicionamos na lateral do palco.

Cada mulher trouxe consigo sua faixa, contendo sua palavra ou frase. Cada retalho com frase ou palavra foi dobrado e colocado na frente do palco, as ações da performance continuaram, eu abri minha faixa e, enquanto mostrava-a, eu falava sobre a frase que estava nela, em seguida a próxima mulher fez a mesma coisa e costurou sua faixa na minha e, desta forma, fomos costurando uma faixa na outra, uma história na outra. Ao final se formou uma enorme faixa que comunicava à comunidade presente as histórias de cada uma. Para compor nossa performance apresentamos as costuras de minhas “Costeatras”, minhas mulheres fazedoras de arte, teatro e costura. E nesse percurso de atividades teatrais, estudos da performance, jogos teatrais, apresentamos não somente uma performance, mas sim a produção de um experiência em teatro realizada a partir da pesquisa. Uma vivência teatral que manifestou as alegrias e inquietações de mulheres mocajubenses.

Imagem 15 – Performance Coletiva.



Fonte: Bezerra (2019).

Nesta noite tivemos a presença do Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra, coordenador do Grupo de Pesquisa Perau, grupo do qual faço parte. Contamos ainda com a presença da atriz, performer, pesquisadora Rosilene Cordeiro, que trouxe consigo a

performance narrativa “Ouça, meu Filho!”⁴. A performer se apresentou ao público mocajubense que com os olhos fitos ouviam suas histórias, riam, e se identificavam. Rosilene deixou marcas de “Ouça, meu Filho!” em cada espectador, trazendo diálogos de raízes sociais, identidade, maternidade, sobre o ser avó, nesse conto de histórias, sem que eles percebessem, Rosilene envolveu o público na sua performance e estes se tornaram parte dela. Foi na praça de Nossa Senhora da Conceição que “Ouça, meu Filho!” se firmou na memória teatral mocajubense.

Imagem 16 – “Ouça, meu Filho!” – Rosilene Cordeiro.



Fonte: Bezerra (2019).

⁴ “Ouça, meu filho!” é um ato cênico inspirado na arte da performance narrativa que alguns dizem 'espetáculo', pela linguagem cênica, entre elementos teatrais e jogos imaginativos, completamente presentes em encontros idealizados pela performtriz. Desde 2013, ano em que foi idealizado por Rosilene Cordeiro, as performances se desdobram em encontros especiais e inesquecíveis em que a palavra tem seu lugar de honra no reconto cênico, sempre novo, em cada nova audição. Durante esses anos de apresentações/atravessamentos, iniciado em 2014, a partir do Prêmio PROEX/UFPA, de circulação cultural, foi apresentado em quatro ilhas de a região insular de Belém e Marajó: Combú, São João do Outeiro, Cotijuba e Salvaterra. O trabalho já participou de eventos locais e nacionais, sempre compartilhando essa experiência de narrar memórias, individuais e coletivas, presentes no imaginário amazônico do dia a dia: Bragança, Marabá, Ponta de Pedras, Gurupá, Porto Alegre/RS, Alagoínhas/BA, Mocajuba/PA. Disponível em: <https://www.even3.com.br/coloquioartesememoriasamazonicas2022/>.

Finalizamos a oficina de teatro e costura apresentando, à comunidade, fotos de todo o processo na tela que foi adicionada nos fundos da concha acústica em que estávamos apresentando, em seguida, veio então uma chuva que nos abençoou, segundo Denis Bezerra registrou em seu blog:

O Ato Cênico encerrou as atividades da oficina Teatro e Costura, abençoada com uma chuva amazônica, entre as ventanias dos deuses, raios e trovões, num toró de emoções, às margens do Rio Tocantins, que segue seu curso para o mar, com histórias de vidas amazônicas, marcadas pelo encantamento, pela necessidade de continuar existindo. Mulheres e homens amazônicos que habitam, vivem, lutam, narram-se! (BEZERRA, 2019).

3.2 A memória e seus lugares

Partindo de Mocajuba, a oficina de teatro e costura chegou à Ilha do Marajó para o 5º Seminário Brasileiro de Poéticas Orais: Memória, Mitopoéticas, Cartografias em travessias no Marajó, que aconteceu na Ilha do Marajó no estado do Pará, nas cidades de Soure, Salvaterra e Cachoeira do Arari nos dias 13, 14, 15 e 16 de novembro do ano de 2019, organizado pelo grupo de pesquisa Cultura e Memórias Amazônicas – CUMA da Universidade do Estado do Pará.



Fonte: Cordeiro, 2019.

A oficina de teatro e costura ganhou espaço neste seminário, e nele pude comunicar os feitos realizados em Mocajuba/PA, feitos esses que contribuíram com a memória teatral paraense, e mocajubense, fortalecendo as relações, reconhecimento, e a memória comunicativa e cultural, entre mulheres da cidade de Mocajuba, bem como o fortalecimento da memória. Participar deste seminário foi uma forma de conectar e demonstrar os fazeres teatrais que existem e (re)existem na cidade de Mocajuba e no Pará. Nesta comunicação estavam comigo todas as mulheres que participaram da oficina e todas que se identificaram com as questões apresentadas, questões essas que comunicam a forma como a mulher é vista na sociedade e de como ela se desdobra para, com respeito, ocupar seu lugar.

Durante seis (06) anos de graduação que vivenciei junto a UFPA, com intervalos entre gestação e pandemia, posso afirmar, a partir das experiências que obtive dentro desta instituição, que a voz anda em sincronia com o corpo e é sem dúvida uma das maiores e mais marcantes formas de comunicação no teatro e na vida. Comunicar a pesquisa em seminário foi destacar o lugar da memória das mulheres mocajubenses, diante de toda a história que vivenciei a oficina de teatro e costura e de todas as pessoas que compunham e partilhavam também suas pesquisas em seminário.

Alcançamos mais um espaço e, desta vez, adentramos ao espaço do XIV SEMINÁRIO ANUAL CUMA: Preciso unir minha voz a outras vozes, olhar de frente. Este seminário aconteceu na Universidade do Estado do Pará (UEPA), nos dias 12 e 13 de dezembro de

2019. Para dialogar e comunicar nossa pesquisa, criei a performance “Um costurar de vozes de mulheres mocajubenses”, partindo da ideia de que as vozes de todas as mulheres que vivenciaram esta pesquisa estavam comigo em performance. Coloquei-me em cena, e, com uma teia de panelas e objetos de cozinha, me movimentei em cena, no decorrer citava frases que as mulheres compartilharam comigo na oficina. E desta forma comuniquei a pesquisa e apresentei questões levantadas na oficina, que abordaram as urgências e os fazeres da mulher na sociedade, quanto mulher e, também, mãe.

4 MEMÓRIAS TEATRAIS EM MOCAJUBA/PA: O VOO E OS CANTARES DOS PÁSSAROS

Neste capítulo apresento mais uma experiência teatral realizada em Mocajuba/PA, esta foi intitulada como “MEMÓRIAS TEATRAIS EM MOCAJUBA/PA: O voo e os cantares dos pássaros” e foi desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Perau, através do programa PIBIPA, que desenvolveu uma investigação artístico-pedagógica sobre o cordão de pássaro junino Bem-te-vi, que existiu em Mocajuba/PA há mais de 30 anos aproximadamente. Esta pesquisa teve como elemento disparador memórias populares teatrais do município de Mocajuba/PA, a partir das histórias de seu Domingos da Silva, Agenor Vieira e Abedenego Vieira (Mestre Bé), pessoas que presenciaram a existência do pássaro junino nesta cidade e, através da história oral, compartilharam conosco um pouco do que presenciaram sobre o pássaro junino Bem-te-vi mocajubense. A história oral tem finalidade também em criar fontes históricas e, segundo o gênero da tradição oral, ela está ligada à sabedoria dos ancestrais.

A história oral, no nosso ponto de vista, pode ser dividida em três gêneros distintos: Tradição Oral, História de vida e História temática. A tradição oral, Jan Vansina especialista em tradição oral africana, afirma que “Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como meio de comunicação diária, mas, também, como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar de elocuições-chaves, isto é, a tradição oral” (FREITAS, 2006, p. 19).

A partir desta reconstituição do passado em entrevista, decidimos realizar uma manifestação artística em formato de show musicado, pautado na história mocajubense compartilhada e em minhas vivências artísticas. O show intitulado “O voo e canto do pássaro Bem-te-vi” teve em seu repertório três músicas apresentadas em entrevista pelo Sr. Agenor Vieira, com autoria desconhecida e mais sete (07) músicas de minha composição, que teve como inspiração as entrevistas realizadas e, exclusivamente, a dramaturgia do pássaro junino Bem-te-vi que foi compartilhada em entrevista, bem como os fatos sociais da época. Inicialmente, nosso objetivo principal consistia em conhecer as formas como o pássaro se apresentava e o motivo dele cair no silenciamento da memória cultural do povo mocajubense. Conseguimos ir além dos motivos iniciais, por meio de entrevistas realizadas com o Sr. Domingos da Silva, conhecido como Xuá, Mestre Agenor Vieira e Mestre Bé.



Fonte: Nunes, 2021.

Com esta pesquisa expandimos diálogos entre arte e sociedade, tendo a oportunidade de obter uma profunda conexão com as histórias e memória do povo mocajubense, pois não conseguimos encontrar os integrantes do cordão de pássaro junino Bem-te-vi, até o presente momento. Os próprios entrevistados acreditam que os integrantes do pássaro Bem-te-vi já não existem em corpo presente, mas em memória. Também não encontramos os autores das músicas apresentadas pelo Sr. Agenor Vieira, em entrevista. A história teatral mocajubense nos dias atuais é ativada pela memória do que se vive no cenário cultural e do que esta pesquisa ativa na cidade de Mocajuba, e o lugar da memória é exatamente aquele que nos permite perceber a necessidade de falar da história, pois “O tempo dos lugares, é esse momento preciso, onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída” (NORA, 1993, p. 12).

As entrevistas foram de grande inspiração para que eu pudesse compor sete músicas, contando também a dramaturgia do pássaro Bem-te-vi, apresentada pelos entrevistados. Tínhamos também como objetivo comunicar à sociedade mocajubense atual sobre a existência do pássaro Bem-te-vi e as formas como este se apresentava e como a sociedade se relacionava no período de existência do pássaro.



Fonte: Selfie Nunes, 2021.

4.1 Teatro Popular

O teatro popular é o teatro feito pelo povo e para o povo. Em seu livro “*Épocas do teatro no Grão-Pará* (1994)”, Vicente Salles afirma “...é o teatro da ralé, das massas...”, me emociono ao ler esta passagem, pois me imagino naquela época no meio do povo fazendo teatro para meu povo. Se o teatro chegou a mim, uma pessoa interiorana, com poucos acessos aos princípios da vida, foi graças às pessoas que, em meio a diálogos divergentes, seguiram em frente vivendo e encenando o teatro, especialmente o teatro popularmente nosso. O teatro popular não era visto como um teatro transformador da cena teatral e do indivíduo, e por estas razões também vinham as críticas.

De acordo com o ensaiador do pássaro junino Tem-Tem, Antônio Ferreira. Segundo afirma Charone (2008), o pássaro junino surge no final do século XIX, como uma importante manifestação em nossa capital (Belém), veio com algumas denominações: pássaro junino ou cordão de pássaro, joanino ou ópera cabocla; e hoje chamado por muitos de pássaro melodrama fantasia. Seus participantes, em geral, eram moradores da periferia de Belém. A festividade do pássaro ocorre uma vez por ano em um período do mês de junho. O pássaro melodrama fantasia é dividido em duas categorias: 1- Cordão de Pássaro, onde sua encenação traz consigo todos os brincantes para cena, colocados em semicírculo e no centro deste

desenvolvem-se todas as cenas. 2- Pássaro Junino, ocorre em um lugar com palco definido, onde possui camarim, cortina, durante a apresentação os brincantes fazem várias trocas de roupas, pelo número de personagens ser maior do que a quantidade de brincantes.

Pesquisando nas redes sociais sobre pássaro junino, encontrei um etnodoc, um filme produzido por Adriano Barroso, chamado “Ópera Cabocla”, que fala sobre o pássaro junino, sobre o trabalho do brincante na construção do seu personagem, do figurino, contam os processos de ensaio, e este conto, vem do pássaro junino Tem-Tem, coordenado por Iracema Oliveira, que também foi pesquisado pela professora Olinda Charone. Este trabalho foi um presente dentro da minha pesquisa acerca do pássaro junino Bem-te-vi e esclarecedor no que diz respeito à trajetória do pássaro junino. Embora eu não concorde com o termo “Ópera”, existe na utilização deste um contexto histórico apresentado nas falas dos brincantes e pesquisadores que se apresentam neste curta-metragem, mas este termo não precisa prosseguir. Cabocla é Cabocla, Carimbó é Carimbó, grupo é grupo, aqui me refiro às expressões que são utilizadas como se nossa cultura precisasse sempre de termos europeus para ser validada, mas nossa cultura é genuína e independente. Todo o trabalho encontrado no filme produzido por Adriano Barroso, e apresentado em audiovisual brilhantemente, é caboclo, é cultura do povo, é teatro popular paraense.

4.2 Produção artística: Músicas captadas e autorais

As músicas (03) apresentadas pelo Sr. Agenor em entrevista, de autoria desconhecida, falam sobre o pássaro Bem-te-vi, o passarinho, e estão dentro da dramaturgia do pássaro junino Bem-te-vi apresentado em entrevista.

01 – Bem-te-vi

Bem-te-vi bateu asa no galho do pau, pausou (2x)

Um danado garoto pegou na espingarda e matou

Se você soubesse o valor desse bichinho, ficaria maluco sempre falando sozinho.

02 – Passarinho

Minha espingarda é patente, é carregada de cartucho

Quando vejo bem-te-vi eu pego o gatilho e puxo (2x)

Passarinho não faça isso, você não tem o que fazer

Cuidado com a passarinhada, deixa o bichinho viver
 Vamo vamo companheiro siga em frente meu amigo
 Vamo vamo companheiro para enfrentar o perigo (2x)
 Passarinheiro não faça isso, você não tem o que fazer
 Cuidado com a passarinhada, deixa o bichinho viver

03 – Menina Mocajubense

Menina Mocajubense

Do olho graúdo

Cabelo cacheado

Vestido serpentina eu quero ser teu criado (2x)

As sete (07) músicas compostas por mim falam sobre o pássaro Bem-te-vi mocajubense, a partir das entrevistas realizadas e da dramaturgia compartilhada pelos participantes das entrevistas, apresentando a relação da arte e sociedade naquela época.

01 – Entrevista

Seu Domingos falou;

Agenor confirmou;

Que na princesinha do Pará bem-te-vi morou

Que na princesinha do Pará, bem-te-vi vooou

Mocajuba é a princesa do Pará

O eterno mestre Tatuí que veio cantar

Essa maravilha interior de Belém do Pará

Foi nela que **bem-te-vi (2x)** resolveu pousar

E dessa vez ele veio falar do teatro popular

E dessa vez ele veio falar... do teatro... popular...

02 – Ninho do Bem-te-vi

Quando a praia não existiaaa...

E o porto era em madeira

Casa de palha muito se viaaa...

E o povo em euforia deixou, bem-te-vi pousar

De longe o povo viu bem-te-vi

Voando e pousando aqui

Onde mato cobria caminho

Pássaro resolveu fazer ninho

Bem-te-vi (2x) Não fale da barriga da comadre bem-te-vi

Bem-te-vi (2x) Fale do teatro que tu fez por aqui (Repete)

03 – Vidente

Reúnam-se todos, chamem o vidente e ele nos dirá quem matou nosso pássaro inocente.

Olé olé olé olé, olá

Vidente venha cá, venha cá (2x)
 Me fale por favor, quem matou o meu amor
 Me fale por favor, quem matou meu pássaro senhor!
 Olé olé olé olé, olá
 Cheguei e estou aqui pra te falar
 Olé olé olé olé, olá
 Te prepara que eu vou contar
 Foi lá, onde mato cobre caminho, que o passarinho matou o passarinho (2x)
 Olé olé olé olé, olá
 Te falei e agora vai chamar o Pajé
 Olé olé olé olé, olá
 Só o Pajé pra bem-te-vi ressuscitar.

04 – Ô policial

Eu sou...
 A natureza que vos cerca, para tu poder fazer festa e o contrário tu me fez...
 Me fez sofreeeeerrr...
 O luto do meu passarinho, que mal te fez pobre bichinho que só vivia a cantar
 Cantarolaaaaa...
 Eu vou, eu vou...
 Eu vou chamar o policial, para que com a lei dos homens tu possa se resolver
 Me fez sofrer...
 O luto do meu passarinho, que mal te fez pobre bichinho que só vivia a cantar
 cantarola...
 Ô policial venha já aqui, pegue aquele moço que matou meu bem-te-vi
 Ô policial venha já aqui, prenda aquele moço que matou... meu Bem-te-vi...

05 – Pajé

Pajé, ô Pajé, ô Pajé
 Apareça
 Pajé, ô Pajé, ô Pajé
 Apareça aqui Pajé
 Eu sou a natureza que te chama Pajé, use a sua magia e faça Bem-te-vi voltar a vida e faça Bem-te-vi cantar outra vez
 Iê iê iê iêeee (2x)

Pajé faz magia
 Pajé faz passarinho voltar a vida
 Voltar a viver (2x)

Canta (3X) Bem-te-vi
 Voa (3X) Bem-te-vi
 Essa é a princesinha do Pará
 GRITO: MOCAJUBA!
 E nela tu pode morar.

06 – Viva Bem-te-vi
 Bem-te-vi
 Voltou a vida e o povo dança em euforia
 Voltou a vida e o povo canta em euforia

Viva a natureza que nos cerca
 Viva a natureza que nos rega
 Viva, viva, viva a naturezaaaa...
 Viva, viva, viva Bem-te-vi...

Viva a natureza que nos cerca
 Viva a natureza que nos rega
 Com ar pra viver
 Água pra beber
 Terra pra plantar
 Frutos pra colher
 Animais amaaaaaaaarr...
 E animais amaaaaaaaarr...

Viva a natureza que nos cerca
 Viva a natureza que nos rega
 Viva, viva, viva a natureza!
 Viva, viva, viva, Bem-te-vi!

07 – RODA DE MULHER
 Mulher... dentro da roda tu não podia tocar o pé
 O teu lugar era só na boca do fogão
 Lá onde homem não colocava a mão
 mas mulher, o bem-te-vi cantou pra todo o mundo ouvir
 que o teu lugar bastava você definir
 E outros pássaros então, ouviram tu cantar
 PRINCESA, RAINHAAAAAAA.....
 ei mulher, do teu lugar, não tiram mais teu pé.

Do meu lugar não abro mão (2x)
 eu sou mulher
 pense o que quiser
 mas dessa roda não tiro o pé. (Repete)

Mas dessa roda não tiram o pé de mulher! (Repete várias vezes).
 Mas essa roda é do pé de mulher...

O processo de composição ocorria enquanto os caminhos teatrais se formavam, ser uma artista múltipla me possibilitou estrategicamente traçar os caminhos a serem percorridos na composição das músicas a partir da dramaturgia do pássaro Bem-te-vi, que foi a mim

apresentada em entrevista. Além da dramaturgia, em minhas composições vieram a força do canto popular e do pássaro junino, fato que fica mais evidente com o ritmo destinado às composições, o carimbó que é o ritmo popularmente paraense, um ritmo, uma dança, uma identidade. Identidade do nosso povo e que muito me orgulho de trazer para este trabalho.

4.3 Show: O voo e canto do pássaro Bem-te-vi

O show “O voo e canto do pássaro Bem-te-vi” ocorreu no dia vinte e cinco (25) de fevereiro de 2022, às 08h30, no mercado municipal de Mocajuba/PA, com transmissão ao vivo realizada por Ycaro Mendonça, em meu perfil pessoal do Facebook: Sidiane Nunes.

As composições tiveram a honra de receber o arranjo de Abedenego Vieira (Mestre Bé), músico da cidade e participante da entrevista com seu Agenor, que é seu pai. Os músicos de tambor e afoxé foram indicados pela educadora Fabíola Igreja, que colaborou na produção do projeto. São eles: Francisco Campelo; Dinei Campelo; Dorivan Campelo e Raimundo Neves. Para o evento contamos com a participação de todos os músicos, mas por divergência de horário, os ensaios ocorreram separadamente.

Imagem 20 – Músicos e cantora.



Fonte: Mello, 2022.

Os bailarinos (Ketellen Borges, Deilo Santos e Eliedson Ramos) são integrantes da quadrilha junina “Laço do amor”, liderada pela Profa. Leda Silva e coordenada pelo coreógrafo Fernando dos Santos na cidade de Mocajuba/PA. Os bailarinos foram ensaiados por seu coreógrafo, separados dos músicos também pela divergência de horário.

Imagem 21 – Bailarinos.



Fonte: Mello, 2022.

Essa divergência de horário, mas persistência na participação do evento, nos faz lembrar o formato de ensaio tradicional do grupo de pássaro Tem-Tem residido em Belém do Pará, que foi pesquisado pela professora Olinda Charone em sua tese de doutoramento: “Pássaros de vôo longo”.

No processo de ensaio das cenas do espetáculo, existia um quadro que nunca estava presente, o bailé. Procurei saber por que eles não estavam lá, ensaiando junto com os outros brincantes, e descobri que não ensaiam no mesmo local por vários fatores como: espaço apropriado, horário flexível pela disponibilidade dos dançarinos, som adequado (CHARONE, 2008, p. 81).

O figurino que usei no dia do evento foi confeccionado a partir de minhas habilidades com a costura, costura essa que vem marcando o cenário teatral mocajubense desde o ano de 2019, quando foi ministrada a oficina de teatro e costura com o tema “Teatro e costura: Costurando vidas de mulheres mocajubenses”. Este figurino foi pensando no bater das asas e no pulsar do pássaro bem-te-vi, se utilizou de tons que remetiam à visualidade do bem-te-vi, tons preto e amarelo. A cor amarela ficou em evidência por ser também a cor que destaca o pássaro bem-te-vi.

Imagem 22 – Figurino.



Fonte: Mello, 2022.

Um figurino simples e delicado, diante da grandeza que podemos encontrar nos figurinos que a maioria dos pássaros juninos atuais apresentam. Como afirma Graziela Ribeiro, em seu artigo “O traje do pássaro junino: mapeando grupos e pensamentos”:

Um aspecto relevante a respeito do figurino dos pássaros juninos é a profusão, exagero e luxo, que resgata uma estética carnavalesca, fazendo uso de muitos detalhes de bordado em pedraria e plumagem. Principalmente nos figurinos do porta-pássaro, do núcleo de nobres, da fada e dos indígenas (RIBEIRO, 2017, p. 06).

Finalizamos minha caracterização com a maquiagem artística realizada por Thayane Mello, que ilustrou um pássaro delicado e forte no olhar da cantora, em tons preto e branco, fazendo lembrar a fonte do pássaro bem-te-vi.

Imagem 23 – Maquiagem artística.



Fonte: Mello, 2022.

O show foi registrado em fotografia por Thayane Mello. O evento atraiu, ainda na divulgação, o olhar do canal no YouTube chamado *Amazônia fora de rota*, coordenado por Ednaldo Barros Junior e Thaynara Andrade, que estavam presentes no momento, coletando registros para o canal. Após o show, cedi ao canal uma entrevista, falando um pouco mais do projeto e de minha conexão com minha cidade natal, Mocajuba/PA.

A feira municipal de Mocajuba foi escolhida por fazer parte de minha memória afetiva, pois trabalhei na feira desde a infância. Acreditamos que ter realizado o show na feira foi uma forma de comunicar para a sociedade atual as formas de arte que faziam os

mocajubenses há mais de 30 anos na cidade, bem como destacar a valorização da memória teatral paraense, especificamente, a memória teatral e cultural mocajubense, levando a demonstrar, também, as formas como se relacionavam arte e sociedade.

O Bem-te-vi havia caído no silenciamento da memória, os entrevistados apontaram a falta de políticas públicas como principal motivo do grupo de pássaro junino Bem-te-vi estar desativado, interferindo, assim, na continuidade dos fazeres artísticos em teatro dos pássaros na região. Para que o fazer artístico possa se manter, é necessário que a memória individual se torne também coletiva. Em seu artigo “Memória, esquecimento, silêncio”, Michael Pollak afirma: “Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (POLLAK, 1989, p. 02).

Para a realização do evento, conseguimos o apoio de amigos e pessoas fazedoras de arte, que se interessaram em fazer parte deste projeto, em especial do evento ocorrido como finalização. Passamos a conectar nossos fazeres em arte a fim de aumentar a visibilidade e gerar apoio às manifestações artísticas da cidade em contato com a universidade e com a organização que realiza este projeto: Grupo de Pesquisa Perau – ETDUFPA – ICA – PROEX – UFPA.

Imagem 24 – Parte da equipe.



Fonte: Mello, 2022.

A estrutura do evento, como palco e som, foi coordenada pelo Prof. Erivaldo Barros que trabalha com eventos na cidade, seu trabalho tem o nome “Raízes produções e eventos”. Nosso projeto foi contemplado também por empreendedoras que contribuíram com a alimentação e hidratação de todos que estavam envolvidos no evento, bem como o transporte dos músicos e seus instrumentos. Os envolvidos foram: Sineide Nunes, Moisés Franco, Francilene Souza, Israel Nandson, Fabíola Igreja e Tony Heber.

O show proporcionou uma manhã cheia de emoções e reconhecimentos, a menina que corria pela feira, vendendo limão com sua avó, farinha com seu pai, bijuteria com seu irmão e entregando mingau com tia Adalgiza, volta à feira como colaboradora social da cidade, especificamente falando como artista, pesquisadora, cantora, compositora, estudante do teatro, da arte no cenário cultural paraense.

Imagem 25 – Sidiane Nunes.



Fonte: Mello, 2022.

Ao final do show, alguns feirantes e moradores me cumprimentaram agradecendo pelo momento vivido e pelo destaque à cultura popular.

Imagem 26 – Povo Mocajubense.



Fonte: Mello, 2022.

4.4 Conquistas do pássaro Bem-te-vi mocajubense

O primeiro lugar que esta pesquisa alcançou foi o mundo virtual, no canal do YouTube chamado *Amazônia fora de rota*, coordenado por Edinaldo Barros Junior e Thaynara Andrade, que divulgaram um vídeo mostrando a entrevista que foi cedida a eles, logo após a realização do evento.

Esta pesquisa começou no ano de 2021, neste ano eu atuei como estagiária e professora de arte na escola CIM – Centro Infantil de Mocajuba, decidi apresentar o teatro dos pássaros aos alunos da turma do 9º ano do ensino fundamental e 1ª série do ensino médio da escola. Depois de apresentar virtualmente alguns pássaros juninos aos alunos, decidimos criar a dramaturgia de um novo pássaro junino para apresentar na manifestação cultural da escola. O novo pássaro foi chamado de Andorinha, por haver em Mocajuba a forte presença delas. A dramaturgia foi escrita por mim, sob orientação de Neire Lopes, líder do pássaro junino Japiim, com sede em Belém/PA.

Neste período a pandemia seguia firme, e por este motivo a manifestação cultural da escola CIM aconteceu em formato de live, pela página do Facebook da escola. Sendo assim, decidimos criar um curta-metragem que contasse a história do pássaro Andorinha. Este curta pode ser encontrado na live no tempo de 1:33:00 a 1:44:04. A dramaturgia do pássaro Andorinha carrega em sua escrita uma forte crítica social ao período inicial da pandemia e foi inspirada na estrutura de dramaturgia do pássaro atual, contendo personagens como rei, rainha, princesa, caçador, matutos, maloca, feiticeira e pássaro.

Imagem 27 – Turma do 9º ano (2021).



Fonte: Nunes, 2021.

Esta dramaturgia ganhou espaço na cidade de Belém do Pará na escola de teatro Incena Belém, no projeto realizado pelo artista e professor de teatro Odin Gabriel Godino, fazendo uma leitura dramatizada com crianças da escola.

Imagem 28 – Incena Belém.



Fonte: Cardoso, 2021.

A pesquisa “O voo e os cantares dos pássaros” surgiu a partir de diálogos em um grupo de estudos formado pelo grupo Perau, este que vem valorizando a memória do teatro

popular paraense, e tem sido fundamental na realização de pesquisas em arte dentro de nosso estado.

CORDÃO DE PÁSSARO ANDORINHA - MOCAJUBA-PA
Dramaturgia: Sidiane Nunes (Orientação: Neire Lopes)

Personagens: Pássaro Andorinha - Rei - Rainha - Rainha - Princesa - Maloca (Tribo de Índios) - Matutos - Caçador - Feiticeira.

Música de entrada

A andorinha chegou trazendo amor, paz e alegria (2x)

A andorinha chegou chegou chegou chegou chegou

Ela veio de bando e nunca deve vir sozinha

Entra o cordão cantando a música de entrada, se apresentam ao público e depois ficam em formato meia Lua. Toca a música do Andorinha e ela se apresenta ao público em seguida entra a PRINCESA.

PRINCESA: Que linda passarinha, mas por que está aqui sozinha?

ANDORINHA: Uma praga se espalhou em nossa floresta e não podemos mais voar em bando para não machucar uns aos outros.

PRINCESA: Que pena! Eu não sabia disso!

ANDORINHA: Como não princesa, em toda parte da floresta só se fala nessa maldita praga que ataca nossa natureza.

PRINCESA: É mas, não era só uma manchinha nas asas, que logo poderia sumir?

ANDORINHA: Não princesa, só em nossa parte da floresta, já morreram mais de 470 mil aves, e ainda temos que lutar contra a ignorância de quem nos persegue.

PRINCESA: Eu não entendo! (perturbada)

- Ouvem um tiro - O pássaro e a princesa se assustam, o pássaro volta a voar.

PRINCESA: Não vá, precisa terminar de me contar.

ANDORINHA: Não posso ficar parada alteza, preciso voar, se eu não voar o mal pode me pegar. (*Sai voando*)

- Entra o caçador (Música do caçador) - se depara com a princesa por quem é apaixonado.

CAÇADOR: Ora ora ora... o que vemos por aqui, se não é a princesa do reino de Juba.

PRINCESA: A própria!

CAÇADOR: Princesa, não deverias estar sozinha por essa floresta...

PRINCESA: Ora por que não? eu estava a olhar os pássaros que por aqui passam...

CAÇADOR: Você disse Pássaros (aponta sua arma de caça para todos os lados) temos que ter cuidado pois podem estar com praga, ouve-se rumores que uma praga se alastra nas aves, e vejo que a srta. nem máscara está usando.

PRINCESA: Máscara?

CAÇADOR: Sim, máscara... Ela irá lhe proteger e impedir que se contamine com essa praga.

PRINCESA: Ô céus... eu preciso voltar pro reino mas caçador, não machuque os pássaros coitados, são tão lindos.

CAÇADOR: A Senhorita acha?

PRINCESA: Com toda certeza, bom ... agora chega de conversa, já está ficando tarde e eu preciso voltar para o reino. Até logo Sr. Caçador... (*Sai*)

CAÇADOR: Até logo princesa... E quando nos virmos de novo, certamente lhe darei um presente. (*Sai caçando e entram o rei e rainha*).

RAINHA: Meu rei, acha que devemos continuar permitindo que nossa menina tenha contato com os seres dessa floresta?

REI: Oooo minha rainha, que linda sua preocupação mas uma manchinha como a que estão falando não deve de pegar em nossa menina. (*Princesa entra agoniada e preocupada*)

PRINCESA: Meu pai, minha mãe ... Estou tão preocupada, vocês sabem que têm uma praga ameaçando os animais ao redor do nosso reino e especialmente meus lindos passarinhos?

REI: Sabemos, mas isso não nos importa, afinal de contas não está dentro do nosso reino e não precisamos nos preocupar com isso.

PRINCESA: Como não meu pai! contam que há passarinhos morrendo / o que o sr. meu pai, tem feito para que isso de alguma forma acabe, não está dentro do nosso reino, mas está em nossa floresta, então é de nossa responsabilidade sim.

RAINHA: Calma minha querida, seu pai tem organizado o reino, não está com cabeça para pensar em praga.

PRINCESA: Organizado em que minha mãe?

RAINHA: Ué, não vê? As ruas estão sendo asfaltadas, ganhando pinturas novas, afinal de contas precisamos cobrir as imperfeições desse reino e temos que aproveitar que tudo está sendo patrocinado pelo imperador.

PRINCESA: Mas que absurdo! priorizar buracos ... Todo esse investimento poderia ter sido destinado a proteção dos animais.

REI: Chega Lina, você não deve se envolver nas decisões do reino, para o quarto já!

PRINCESA: Mas pai!

REI: Para o quarto!

(Princesa sai correndo e chorando - Rei e Rainha saem - Entra a Andorinha passeando (Voando) na floresta - (Música de Pássaro) Entra o caçador caçando (Música do caçador) - o caçador tenta abater a Andorinha, ela fica sem saída e quando o caçador vai atirar entra a FEITICEIRA - (Música da feiticeira) - O caçador se assusta e a feiticeira protege o pássaro, e quando o caçador vai lutar contra a feiticeira ela dá voltas e cantarola ao redor dele o paralisando.

FEITICEIRA: Minha pequena e linda passarinha, onde está seu bando?

RAINHA: Vá agora atrás desse caçador, ou eu entregarei todas as contas ao imperador.

(O rei sai furioso e sem dizer uma palavra - Enquanto isso a princesa chora e é consolada pela Rainha - Entra a Maloca)

CACIQUE: Mas o que houve por aqui?

PRINCESA: O caçador, matou minha linda Andorinha.

CACIQUE: Guerreiros, peguem o caçador!

(TODOS SAEM DE CENA CARREGANDO A ANDORINHA)

- Entra em cena o caçador, desesperado e atrás dele a Maloca, o caçador tenta fugir por todos os lados, mas a Maloca não permite, até que a maioria dos índios agarra o caçador e então a cena da maloca congela e entra os MATUTOS.

MATUTO 1: Maninha, tá acontecendo um babado fortíssimo, tu acreditas que os Índios que vieram proteger os pássaros descobriram de onde está vindo a praga?

MATUTO 2: Mintiraaaaaaa!

MATUTO 1: Tô te falando...

MATUTO 2: E de onde está vindo?

MATUTO 1: Da realeza?

MATUTO 2: DA REALEEZAAAAAAAAA

MATUTO 1: SIM, dissssssk...O dinheiro que o rei recebia para investir na proteção dos animais, exclusivamente dos pássaros, ele investiu em agrotóxicos e usou grande quantidade na plantação o que prejudicou os pobrezinhos dos passarinhos e os adoeceu...

MATUTO 2: Menina tô besta....

MATUTO 1: E ainda tem mais...

MATUTO 2: MAAAISSSS conta amadaaaaa...

MATUTO 1: Ocorreu recentemente ... O caçador, aquele que é apaixonado pela princesa...

MATUTO 2: Pela princesa!!!

MATUTO 1: ahhhh vem me dizer que tu não sabe! ... Pois bem... Ele estava caçando, achou a passarinha preferida da princesa, e para pegar ela acabou atirando e né que ele matou a bichinha.

MATUTO 2: Minina mas que bafoooooo....

MATUTO 1: A princesa chegou na hora e se jogou em cima da bichinha, aos prantos...

MATUTO 2: COITADAAAA

MATUTO 1: E agora que vem o babado maior...

MATUTO 2: Conta logo, chega de pausas.

MATUTO 1: A rainha gritou com o rei por ele ter dito que o sofrimento da filha era uma bobagem, e ameaçou ele a entregar todas as contas do reino ao imperador.

MATUTO 2: Tô passada... (Boquiaberta) Mas e ele, não falou nada?

MATUTO 1: Nadinha, saiu sem dar um pio, mas sabe o que ele fez?

MATUTO 2: QUE?

MATUTO 1: Nadica de nada, estava lá sendo abanado e comendo frutas...

Entra o rei e os matutos ficam em estátuas.

REI: Bando de fofoqueiros, voltem a fazer o que é o dever de vocês.

Matutos *Saem*, depois “*Rei Sai*”

A CENA DA MALOCA DESCONGELA.

CACIQUE: Então é você que acha que pode fazer o que bem entende com nosso povo, entrastes em nossa terra e atingiu a nossa fiel passarinha, e achas que vai sair impune? está muito enganado sr. caçador. O nosso povo merece respeito e para que isso fique bem claro. Levaremos você para presenciar a força que o nosso povo tem quando se une.

- *VOLTA A CENA EM QUE ESTÁ O PÁSSARO, A PRINCESA E A RAINHA.*

- *Entra a Maloca com o caçador tendo as mãos amarradas.*

CACIQUE: Agora observe a força de um povo unido.

- *A maloca faz ritual em volta da Andorinha que aos poucos vai ressuscitando. - O pássaro ressuscita, todos festejam, e o rei chega*

REI: Mas que balbúrdia é essa?

- O POVO SE JUNTA

CACIQUE: Vossa majestade será castigada por todo mal que tem feito ao nosso povo.

- *O povo todo dá voltas ao redor do rei, e este sai de cena meio atordoado.*

- *Finaliza o espetáculo com todos celebrando a ressurreição do pássaro e a decadência do rei. O caçador termina dançando amarrado mesmo.*

Os caminhos da pesquisa em arte nos levaram até o II SEMINÁRIO NACIONAL DE MEMÓRIAS CÊNICAS NA AMAZÔNIA, realizado pelo Grupo de Pesquisa Perau, nos dias 01 a 05 de junho deste ano (2022). Em dois (02) de julho realizei a primeira participação no seminário, comunicando e apresentando a produção artística desenvolvida nesta pesquisa. A participação se deu através do canal do grupo no YouTube, onde o seminário foi realizado.

O Instituto de Ciências da Arte (ICA), localizado na Praça da República em Belém do Pará, foi palco para o último dia de realização do seminário e também para a apresentação artística que norteia esta pesquisa. Neste dia nos localizamos na frente do ICA e apresentamos as músicas que foram frutos da pesquisa e outras músicas que foram resgatadas em entrevista.

Para esta apresentação, contamos com a participação de artistas da cidade de Belém, foram eles: Fabrício Lobo, Racquel Prudente, Mestre Ginja e Gabiru Cigano.

Imagem 29 – Bem-te-vi – ICA.



Fonte: Cordeiro, 2022.

Cada atriz tem seus objetivos diante de cada espetáculo que encena, pesquisadores buscam a essência daquilo que mais pulsa no seu íntimo e neste dia, ao final do show, adentramos ao ICA para dar continuidade à programação, sentou ao meu lado um garoto que chegou acompanhado de seu pai chamado Albert Martins, o garoto me parabenizou pelas composições e disse que tinha gostado muito e que ficou muito feliz em ouvir, depois da declaração vieram as perguntas: - A senhora sempre quis ser cantora? Eu respondi que sim, era meu sonho de menina. - Eu gosto muito de cantar, a senhora acha que eu consigo ser cantor também? Com os olhos cheios de lágrimas respondi: - Com certeza, lute por seus sonhos, que você consegue. Quanto à artista pesquisadora que sou, afirmo que ver uma criança encantada pela cultura popular, através do meu trabalho, foi o maior presente que pude receber em meus caminhos de pesquisa e deste lindo seminário que destacou a pesquisa em arte na Amazônia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos que me conduziram a esta fase na escrita deste trabalho, me fazem acreditar que o fim não está próximo e nunca estará, que a memória que define o “hoje” sempre irá se opor a história que registra o “ontem”. E nesta continuidade destaco a importância da pesquisa em arte nos processos artísticos, nas formas variadas de se fazer arte e de se pensar quanto artista. As experiências teatrais formativas que cito neste trabalho foram conduzidas pela pesquisa, pelos registros históricos, pela presença da memória do teatro paraense. O teatro, especificamente o teatro popular ganha espaço e visibilidade na cidade de Mocajuba/PA através desses trabalhos, proporcionando a mulheres mocajubenses e aos artistas locais que se envolveram cirurgicamente no que diz respeito ao teatro.

Todos os momentos vivenciados e compartilhados, neste trabalho, se deram graças ao ensino público que me guiou no processo educacional de toda minha trajetória, esta que se curva em gratidão e destaca a importância da existência de escolas e universidades públicas. Em seu livro “Jogos teatrais”, Koudela (2009) inicialmente fala sobre o Teatro-Educação, e apresenta argumentos que tentam justificar a ausência e/ou presença do teatro na grade curricular das escolas, ainda no ano de 2009. Este fato ocorre pela forma em que a educação é vista e vivenciada e quais formas o professor que conduz o indivíduo se baseará.

Durante seis (06) anos frequentando a ETDUFPA (Escola de Teatro e Dança da UFPA) e tendo experiências diversas dentro do curso de Licenciatura em Teatro, pude observar as posturas e ações de um(a) professor(a) em sala de aula, e nas experiências teatrais vivenciar o lugar de professor(a) daquele que conduz o processo e direciona a seus alunos, o aprendizado no qual se dedicou para viver.

As experiências teatrais, “Oficina de teatro e costura” e “O voo e os cantares dos pássaros”, a partir da pesquisa em arte, abriram caminhos para que a sociedade mocajubense visse meu corpo artista na cidade e especialmente para meu reconhecimento pessoal quanto artista. Foi a partir da pesquisa que passei a me reconhecer e perceber as histórias que caminhavam ao meu lado e valorizá-las, a história do povo mocajubense, da cultura popular,

dos fazeres artísticos da cidade, das formas como a mulher se relaciona em sociedade, das costureiras, a história da minha avó na feira, da minha mãe na roça, do meu pai no lanche, histórias que a memória sempre traça um novo caminho, pois a artista pesquisadora que hoje me reconheço, passou a existir depois de reconhecer a pesquisa em arte também como contribuinte na formação profissional dos estudantes dentro desta instituição de ensino (ETDUFPA).

A memória segue se opondo a história e, assim, caminhando juntas. Em meu processo de formação artística na Licenciatura em Teatro, a pesquisa contribuiu significativamente para que eu pudesse caminhar em arte, na leitura, escrita, na entrevista, nos encontros e nas experiências teatrais que aqui seguem. Nos dias 25 e 26 de julho deste ano (2022) realizei, em Mocajuba/PA, oficinas de teatro e canto, exercendo meu lugar como professora de teatro desta cidade. No dia 27 de julho ocorreu virtualmente o lançamento do livro “Pulso, suor, presença e teatro - Reflexões de Jovens Escritores”, no qual participo como coautora, e, na escrita deste livro, apresento minhas vivências enquanto mulher, mãe, artista e estudante de teatro que vive entre o interior e a cidade. No que diz respeito aos alcances da oficina de teatro e costura, estamos aguardando o lançamento do livro do Grupo de Pesquisa Perau, e nele como coautora cito os processos formativos a partir da oficina de teatro e costura.

A pesquisa “O voo e os cantares dos pássaros” começa a movimentar o cenário cultural mocajubense, em conversa com Ednaldo Barros e Francisco Campelo, pessoas que contribuem com a cultura popular mocajubense e que participaram comigo no show musicado “O voo e canto do pássaro bem-te-vi”, formamos um grupo (Banguê de Moca) que toca samba de cacete, banguê e carimbó, passamos a nos apresentar nos locais públicos em Mocajuba/PA, tendo como objetivo a continuidade e fomento da cultura popular paraense em nossa região.



Fonte: Miller, 2022.

A escrita por aqui se encerra, mas os caminhos em arte, a mim apresentados e oportunizados, continuarei trilhando. Neles permanecerão a pesquisa em arte, teatro, costura, canto, composição, maternidade, memória e história. A história da mulher que agora se torna a mais nova professora de teatro e a primeira pessoa a se formar no curso de Licenciatura em Teatro - UFPA, na cidade de Mocajuba/PA.

REFERÊNCIAS

BARROS JR., Ednaldo; ANDRADE, Thaynara. Isso só tem em Mocajuba. A história contada. [Entrevista de Sidiane Nunes]. **Amazônia Fora de Rota**, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i9YS4rqKbyE>. Acesso em: 01 ago. 2022.

BARROS, Sadia. **Live escola CIM**. Facebook, 2021. Disponível em: <https://fb.watch/f37DbzYOkF/>. Acesso em: 21 ago. 2022.

BARROSO, Adriano. **Ópera Cabocla**. Youtube, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_2vj2Fa7cjQ. Acesso em: 21 ago. 2022.

BEZERRA, José Denis de Oliveira. **Memórias Cênicas: Poéticas teatrais na cidade de Belém (1957 - 1990)**. Belém: IAP, 2013.

BEZERRA, José Denis de Oliveira. Teatro e Costura: memórias em formação e em práticas performativas na Amazônia. **Teatro no Pará**, 28 out. 2019. Disponível em: <https://teatronopara.blogspot.com/2019/10/teatro-e-costura-memorias-em-formacao-e.html>. Acesso em: 01 jun. 2022.

BEZERRA, José Denis de Oliveira; CORDEIRO, Rosilene da Conceição. Peraus da memória: experiências em processos de ensino e aprendizagens de teatro em uma comunidade na Amazônia paraense. *In: CARNEIRO, Leonel; ARAUJO, Hanna (org.). **Experiências de formação em artes na Amazônia***. Rio Branco: Stricto Sensu, 2020. p. 57-74.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia as Letras, 1983.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

CHARONE, Olinda. **Pássaros de vôo longo**. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas, 2006.

IBGE. **Mocajuba**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/mocajuba/historico>. Acesso em: 01 jun. 2022.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MIRANDA, Vicente Chermont de. **Glossário paraense ou coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha do Marajó**. Belém: Ed. da UFPA, 1968.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

NUNES, Sidiane. **Live Feira de Mocajuba**. Facebook, 2022. Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=263063029339513&id=100009512484135. Acesso em: 21 ago. 2022.

NUNES, Sidiane. **Live ICA**. Facebook, 2022. Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=762379458255446&id=100009512484135. Acesso em: 21 ago. 2022.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1989.

RIBEIRO, Graziela. O traje do pássaro junino: Mapeando grupos e pensamentos. *In: COLÓQUIO DE MODA*, 13., 2017, Bauru. **Anais [...]**. São Paulo: ABEPEN, 2017.

SALLES, Vicente. **Épocas do Teatro no Grão-Pará ou Apresentação do Teatro de Época**. Belém: UFPA, 1994.

SCHECHNER, Richard. “O que é performance?”. *In: Performance studies: an introduction*, second edition. New York & London: Routledge, 2006.

SILVA, Mariana Arantes e; ANDRADE, Lucília Lemos de. Desenho técnico de moda e suas funções na confecção do vestuário. **META**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 217-222, 2016.